

ESPAÇOS PÚBLICOS DE BRASÍLIA: USO, APROPRIAÇÃO, VALORIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO*

Eduardo Pierrotti Rossetti

Resumo

O artigo aborda os usos e a ocupação dos espaços públicos do Plano Piloto de Brasília. Brasília não escapou deste fenômeno global. Trata-se de um fenômeno contemporâneo que por meio de eventos culturais, festas, feiras, atos políticos, etc, revela um processo de transformação em curso. o debate sobre a ocupação dos espaços urbanos tangencia a questão do pertencimento à cidade, mas também revigora o entendimento das relações de memória e afetividades que são construídas com os espaços, possibilitando outras abordagens sobre as funções e desígnios inaugurais de tais espaços. É diante deste processo dinâmico que vale refletir sobre a transformação dos valores patrimoniais e do status do tombamento de Brasília como cidade contemporânea e não apenas como paradigma de modernidade.

* Versão ampliada com post scriptum - 2019, acrescido ao texto homônimo apresentado no ARQUIMEMÓRIA 5, Salvador/2017.

A ocupação e o uso dos espaços públicos revigoraram-se como parte de um fenômeno global na cidade contemporânea. Tomadas como situações sociais transgressoras, ou por vezes alinhadas com posicionamentos políticos específicos, as inúmeras ocupações e manifestações sobre temas e assuntos atuais são frequentemente registradas e divulgadas pelos meios de comunicação de massa tradicionais e pelos meios digitais.

Atualmente, a presença de um grande número de pessoas em eventos culturais, festas, feiras, atos políticos, mais ou menos restritos aos grupos sociais diferenciados, ou nichos e públicos específicos pode transformar a paisagem urbana e criar novos fatos para as narrativas sobre a cidade. Menos que mera multidão, trata-se de um conjunto de pessoas com afinidades eletivas que deliberadamente se agrupam, participam e/ou constroem situações de estar e vivenciar o espaço público da cidade.

É fácil a associação de imagens de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades brasileiras e seus espaços públicos ocupados e intensamente usados, seja por eventos festivos, eventos cotidianos ou manifestações políticas. Assim, Salvador apinhada de gente no carnaval, as praias cariocas lotadas no verão ou a Avenida Paulista tomada por protestos são imagens que permeiam o imaginário urbano e reificam a memória sobre estas cidades. Brasília, como muitas cidades no Brasil e mundo a fora, não escapou deste fenômeno global. No âmbito local, ao longo dos últimos cinco anos, especialmente, a Capital Federal tornou-se um

lugar privilegiado para sediar inúmeros eventos em espaços públicos, em que pese a inequívoca função simbólica de seus espaços de exceção ou mesmo em que pesem as equivocadas interpretações acerca dos valores e regras de seu tombamento ou da importância do título de patrimônio mundial.

Para um público socialmente heterogêneo, com predomínio de um contingente jovem, os incríveis espaços de Brasília estão se convertendo em ambientes para novas formas de estar e viver a própria cidade. Menos que um reconhecimento formal dos atributos plásticos, das qualidades construtivas ou de suas escalas constitutivas, os espaços públicos de Brasília estão se convertendo em atrações para usos cotidianos imprevistos como um sinal de vitalidade urbana e de apropriação. Como decorrência do crescimento dos eventos e de sua publicidade, o debate sobre a ocupação dos espaços urbanos tangencia a questão do pertencimento à cidade, mas também revigora o entendimento das relações de memória e afetividades que são construídas com os espaços, impondo novas abordagens sobre as funções e desígnios inaugurais de tais espaços. Soma-se a isso um manancial de novas imagens urbanas que revigoram narrativas sobre Brasília no imaginário social.

Tal fenômeno de usar, promover usos, incentivar ações, organizar eventos ou considerar os espaços urbanos como suporte para miríades de atividades de interesse coletivo são promovidas tanto por instâncias governamentais,

Brasília não envelheceu, abrazeirou-se.

NICOLAS BEHR

como também por iniciativas de caráter particular. Oficialmente, o fechamento do Eixo Rodoviário-residencial, o Eixão, rebatizado de “Eixão do lazer” ocorre há décadas, configurando um caso já legitimado de usufruir do arcabouço viário do Plano Piloto, ou seja, ocupando este espaço de modo imprevisto, para andar de bicicleta, praticar corrida, caminhadas, usar skate, patinete e inúmeras atividades que sua estrutura espacial possibilita.

Estas apropriações poderiam ser rapidamente enquadradas como parte de eventos inerentes à cultura do espetáculo, mas se tornam mais instigantes quando tomadas como novas ações de uso cotidiano urbano. Aqui, interessa pensar estes eventos e atividades como um conjunto de acontecimentos que reconstróem o significado dos espaços da cidade acrescentando novas camadas de memória sobre os lugares. O próprio Henri Lefebvre recobra que a festa é parte da essência urbana quando assinala que a festa também pode ser um meio pelo qual se conquista o direito à cidade.

O MONUMENTO NÃO TEM PORTA

O tombamento do Plano Piloto de Brasília se estrutura por meio da caracterização de quatro escalas — monumental, gregária, residencial e bucólica — a fim de construir uma lógica que diferencia espaços, funções simbólicas, usos predominantes e qualidades paisagísticas. Dentre as quatro escalas, a denominada “escala bucólica” é aquela que abarca os

setores urbanos centrais do Plano Piloto, cujos atributos essenciais seriam prover diversidade urbanística e arquitetônica em suas funções para resguardar o funcionamento ordinário do cotidiano da cidade. Ou seja, a escala gregária tem, ou deveria ter(!), espaços projetados com previsão para dar suporte ao convívio coletivo em seus setores, provendo a Capital de ambientes citadinos as grandes oportunidades de convívio, e trocas sociais próprios de uma cidade moderna.

Entretanto, além do “Eixão do lazer”, outros espaços, situações e lugares passaram a ser considerados atraentes ou estratégicos para serem tomados, ocupados ou utilizados de modo imprevisto para promover encontros, convivência e trocas entre grupos sociais, operando na mesma distinção das “maneiras de fazer” que Michel de Certeau aponta para as ações do cotidiano. Ou seja, trata-se de um processo de subversão de espaços da área tomada do Plano Piloto de Brasília para realizar festas, encontros com apresentações musicais, festivais gastronômicos, exibição de filmes ao ar livre, encontro de food-trucks, encontros de dança, dentre outras atividades. Assim, as diversas edições do Picnik e da festa Makossa, o “Forró da passagem”, o “Chef nos eixos” ou o Festival Groselha transcorreram em espaços desativados do Parque da Cidade, no Setor Militar Urbano, na Galeria dos Estados, nas passagens subterrâneas do Eixão, no Eixo Monumental e no CONIC. Seja na escala das centenas ou milhares de participantes, estes eventos

passaram a permear as atividades culturais da agenda da cidade, subvertendo também as estratégias de publicidade.

Shows, festas, maratonas e outros eventos são programados e convocados por dispositivos sociais de internet (Facebook, Instagram, etc.). O uso das tecnologias digitais e das redes sociais para promover e divulgar — repercutindo antes, durante e depois com likes, marcações e shares — redefine as formas de adesão e os universos sociais interessados em participar dos eventos, determinando também os graus de inclusão ou exclusividade. Paradoxalmente, um evento que atrai milhares de pessoas pode passar sem ser detectado ou noticiado pelos meios de comunicação tradicionais, redefinindo o sentido de domínio dos espaços urbanos para quem participa dos eventos ao possibilitar a aventada “apropriação” do espaço e da cidade. Definitivamente, não é o prestígio do jornal ou da TV que legitima tais acontecimentos coletivos e públicos, que operam com autonomia e desenvoltura crescente na dinâmica da cidade contemporânea.

Ao mesmo tempo em que estas novas formas de usar, estar e vivenciar os espaços públicos da capital são reformuladas, espaços já consagrados em seu uso e função simbólica passaram a ser ressignificados. Neste sentido, é possível contrapor a imagem de uma festa com milhares de pessoas num ambiente inusitado com a imagem de milhares de pessoas separadas pelas chapas metálicas e cercas na Esplanada dos Ministérios nas recentes manifestações políticas no

processo de impeachment e em votações no Congresso Nacional. A Esplanada permanece como local de manifestação política, mas teve seus espaços revigorados pela escala de ocupação e pelo volume de participantes que dela se apropriaram para manifestarem-se, suplantando os valores simbólicos da Praça dos Três Poderes.

Os espaços urbanos do Plano Piloto de Brasília constituem um singular estudo de caso para tais fenômenos de apropriação, uma vez que como em nenhuma outra cidade brasileira, há uma enorme tensão entre tais eventos e festas com os espaços de poder. Ao mesmo tempo, o caráter efêmero e a estratégia itinerante de muitas destas atividades reconfiguram o mapa de lugares de interesse e redimensiona o interesse difuso de estar na cidade-capital e de usar seus espaços como ação subversiva. O velho discurso sobre espaços modernistas anódinos, desumanos ou maléficos é recuperado, acrescido dos novos discursos sobre a idealização de “cidades para pessoas”! A não-fixação de festas, eventos e atividades no espaço da cidade se contrapõe às situações já oficializadas no cotidiano de Brasília, tais como o desfile de 7 de setembro no Eixo Monumental, ou a festa de comemorações de aniversário da cidade em 21 de abril na Esplanada. Numa escala do Distrito Federal, vale incluir a missa de Corpus Christi na Catedral, a encenação da Paixão de Cristo em Planaltina e a Festa do morango de Brasília, que ocorre em Brazlândia. O processo de usos e ocupação dos espaços públicos

se mostra tão dinâmico e surpreendente que até mesmo o carnaval – que sempre foi um feriado estratégico para sair da cidade – foi radicalmente transformado a ponto de atingir a marca de 1,5 milhão de pessoas na edição deste ano. [2017]

Recentemente, uma ocupação temporária, chamada de MimoBar se apresentou como nova experiência de ocupação do solo urbano. Trata-se de um singelo conjunto arquitetado por contêineres e estruturas espaciais metálicas que definem um ambiente urbano em uma área sem uso, um terreno baldio, por assim dizer. Trata-se do terreno de um bloco comercial de superquadra que ainda não foi construído e estava sendo utilizado ilegalmente como estacionamento. A vontade de construir um novo ponto de sociabilidade deve ser considerada diante das negociações com os proprietários do terreno, as dificuldades para obter as autorizações para funcionamento e o diálogo com a vizinhança para obter apoio de funcionamento, minimizando as tensões e previsíveis protestos. O ambiente arquitetado para o MimoBar possui espaços de estar com cadeiras de praia, sofás de pallet, mesas de tambor metálico à guisa de praça ou lounge! A animação se completa pela música e por um bar serve drinks e bebidas para o público jovem, que entre um negroni e um aperol spritz também pode usufruir dos produtos oferecidos nos boxes comerciais dos contêineres, tais como narguilé, hambúrguer, camisetas, etc. A atmosfera afeita à sensibilidade hispter é potencializada

nas noites frias e secas de Brasília, quando estar em espaços a céu aberto é, de fato, uma experiência muito prazerosa. De toda sorte, trata-se de uma situação emblemática daquilo que é apontado por Lipovetsky como “estetização da vida cotidiana”, em um mundo marcado pela abundância de estilo e design.

A MESMA CIDADE?

Tudo isso contribui para elaborar uma reflexão sobre os valores patrimoniais do espaço de Brasília e sobre a imagem da Capital Federal dentro das experiências contemporâneas da cidade. Longe dos velhos clichês e dos estigmas que ainda permeiam o imaginário sobre o que é Brasília e sobre como são seus espaços é possível afirmar que há um processo de transformação. Os resultados e as consequências deste fenômeno estão em aberto, mas é possível antever que há uma vontade legítima de moradores nascidos na cidade, bem como moradores que adotaram a cidade de usar cotidianamente os generosos espaços públicos do Plano Piloto. Menos do que uma banalização dos espaços de poder, trata-se de encarar a cidade-capital que é *in totum* representativa do poder como um lugar efetivo para a vida cidadina. De modo não projetado estes fenômenos de uso e ocupação do espaço público fundem os argumentos de *civitas e urbs* enunciados por Lucio Costa no Relatório do Plano Piloto.

Longe de detonar um processo de fortalecimento do planejamento urbano,

este fenômeno de ocupação e a vontade de usar o espaço público poderão demandar maiores ações do Governo do Distrito Federal para manutenção e melhoria dos espaços públicos do Plano Piloto, fomentado ainda, novas possibilidades de projeto de arquitetura e desenho urbano. Trata-se de uma circunstância favorável para novas articulações entre as instâncias governamentais e da sociedade a fim de ampliar o debate sobre os desígnios da cidade. Tal hipótese vale tanto para a área tombada como para as demais áreas urbanizadas do Distrito Federal. Neste sentido, torna-se possível que demandas de modernização da infraestrutura urbana de transportes, equipamentos públicos e instalações venham a ser fortalecidas, como um efeito colateral positivo deste processo.

As implicações sobre o tombamento e sobre os valores patrimoniais de sua arquitetura e de seus espaços modernos são eminentes. Nesta cidade-capital paradigmaticamente moderna, os vazios urbanos e os espaços públicos do Plano Piloto são fundamentais para compor os ambientes da cidade e construir a sua paisagem urbana histórica. Muitos espaços vazios ainda não foram devidamente projetados e permanecem em estado latente para projetos contemporâneos. Como cidade-capital, Brasília possui uma perspectiva temporal generosa que precisa encarar o presente para repensar demandas e transformações futuras. Trata-se de um processo crítico complexo que deverá enfrentar o lastro da herança modernista de sua gênese.

Diante do processo de usos e ocupações, a imagem de cidade moderna que Brasília detém está sendo revigorada por um conjunto de novas imagens. O estereótipo de uma cidade vazia, com ocupação humana rarefeita, constituída apenas por edifícios representativos, cujo vigor formal e plásticos está registrado nas fotografias de Marcel Gautherot não corresponde ao que existe. O território do Distrito Federal já possui uma população que ultrapassou os 3 milhões de habitantes, consolidando-se como área metropolitana efetiva. Assim, a imagem da Capital está sendo relativizada por novas imagens de uma cidade vivaz e multicultural.

Clarice Lispector afirma que Brasília é uma cidade de um passado esplendoroso que já não existe mais. De fato, Brasília continuará sendo uma notável experiência urbanística do século XX, detentora de um conjunto arquitetônico singular implantado numa forma urbana potente. A revisão de seus valores, de sua história, de seu processo político e de sua singularidade permanece sendo temas estudados e tensionados pela historiografia. Este fenômeno de uso, ocupação e apropriação do espaço público é parte de um processo novo e contemporâneo, diante do qual é possível refletir sobre a transformação dos valores patrimoniais e do status do tombamento do Plano Piloto de Brasília, considerando sua dinâmica contemporânea e não apenas tomada como paradigma de modernidade.

POST SCRIPTUM – 2019

Passados dois anos após estas reflexões acima, torna-se oportuno atualizar o assunto. De fato, o processo de usos e ocupações dos espaços públicos prossegue menos empolgado com as pautas políticas. É sempre arriscado enfrentar temas emergentes que estão na ordem do dia e aparecem mormente vinculados ao material jornalístico. Entretanto, é melhor tomar justamente como desafio incorporar estas questões prementes aos debates constantes sobre a cidade, como um exercício *pari passu* com as transformações de usos que estão em curso.

A gestão do Governo do Distrito Federal que tomou posse em 2019 almeja reativar as atividades turísticas, fortalecendo as atrações do Plano Piloto. Entretanto, ressalva-se que para haver atividades turísticas minimamente organizadas é preciso haver sincronia entre agendas, horários e práticas que incentivem as visitas inclusive dos próprios moradores do Distrito Federal. Para incrementar as atividades turísticas é importante dotar o sistema de transportes públicos de qualidades nas informações, regularidade de horários e rotas, incluindo conexões intermodais. O uso de passes de visita que serviriam para diferentes edifícios, museus e atrações poderia ser uma alternativa a ser desenvolvida para Brasília e que já é muito difundida em diferentes cidades no mundo, incluindo Paris, Lisboa ou mesmo Dublin.

Ao mesmo tempo, Brasília permanece sendo palco de eventos cujos impactos

não podem ser desconsiderados por sua periodicidade anual. Tais eventos de periodicidade anual ganham força e destaque crescente, inclusive pela movimentação econômica que produzem. Representativo deste eixo de atividades podem ser apontadas, ocorreu em junho de 2019 a terceira edição da *Campus Party* que reuniu um público superior a 100.000 pessoas no Estádio Mané Garrincha, tratando de temas transversais entre educação e produção econômica contemporânea com base em novas tecnologias. Outro evento anual, mas que já está em sua 16ª edição e sempre surpreende sempre pelos números e pela presença na paisagem urbana são os motoqueiros que participam do Brasília Capital Moto Week. Com mais de 57.000 curtidas no Facebook, o evento se apresenta como sendo “O maior encontro de motociclistas da América Latina e terceiro maior do mundo!”. De fato, com a expectativa de mais de 40.000 motos circulando em Brasília, o evento será marcante para a cidade, mesmo que suas atividades transcorram nas proximidades da Granja do Torto.

A partir de 2017, o debate sobre os usos dos espaços públicos do Plano Piloto de Brasília passou a ser permeado por outro tema que é inserção de Brasília na rede das cidades criativas. Trata-se de uma rede de cidade que procura a promoção e o desenvolvimento urbano com parâmetros de sustentabilidade e incentivo às atividades culturais. Soma-se a esta pauta de tendências urbanas o debate sobre as chamadas “cidades

inteligentes”, em que a presença de *startups* pode promover a transformação das dinâmicas urbanas por meio dos serviços que demandam para gerir as plataformas digitais. Se o risco de gentrificação é possível ser aventado, é inquestionável o potencial de transformação de áreas degradadas, desvalorizadas ou obsoletas por estas novas atividades.

Enquanto se consolida esta tendência mundial de fazer de grandes cidades as sedes de serviços e atividades limpas e ecologicamente resolvidas, Brasília, que nunca teve vocação industrial, mas sempre foi um polo potencial do terceiro setor, parece ainda não estar sendo planejada, nem gerenciada como centralidade (...ou hub!), como um elemento nodal entre outras redes urbanas, sejam as *“cidades inteligentes”*, sejam as *“cidades criativas”*! Assim, a cidade perde alternativas substantivas de um

desenvolvimento urbano que poderia fazer valer o seu potencial humano, cultural e simbólico.

A centralidade de Brasília ainda pode ser revigorada por meio dessas novas atividades que demandam menores áreas urbanas para produzir serviços e produtos digitais. Ao repensar a questão da setorização, o Plano Piloto de Brasília poderá otimizar sua infraestrutura urbana para receber novas formas de empreendimentos, novas atividades e serviços transnacionais. Ao mesmo tempo em que o Eixão do Lazer já está consolidado como prática de subversão e transformação dos usos e desígnios da infraestrutura do Plano Piloto que correspondiam aos paradigmas do século XX, a carga simbólica de ser Capital Federal pode injetar ânimo na vitalidade urbana para a cidade se transformar e se ajustar às novas demandas das cidades do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDARIN, Francesco and VAN OERS, Ron. **The historic urban landscape: managing heritage in an urban century**. Londres: Wiley-Blackwell, 2012.
- BEHER, Nicolas. **Brasília revisitada**. Brasília: LGE Editora, 2005.
- CATALDO, Beth e RAMOS, Graça. **Brasília aos 50 anos. Que cidade é essa?** Brasília: Tema Editorial, 2010.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOLANDA, Frederico de. **Brasília – cidade moderna, cidade eterna**. Brasília: EdUnB, 2010.
- FEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles and Jean Serroy. **Estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista**. São Paulo, Cia. das Letras, 2015.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice na cabeça**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

Patrimônio mundial no Brasil. Brasília: UNESCO; Caixa Econômica Federal, 2004.

Plano Piloto 50 anos: cartilha de preservação – Brasília. Brasília: IPHAN-DF, 2007.

PANERAI, Philippe. **Análise urbana**. Brasília: EDUnB, 2006.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. **Arquiteturas de Brasília**. Brasília: Instituto Terceiro Setor, 2012.

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. *Brasília-patrimônio: desdobrar desafio e encarar o presente*. Artigo disponibilizado no Portal Vitruvius desde agosto/2013. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.159/4845>

ROSSETTI, Eduardo Pierrotti. *Entre lugares e monumentos: pessoas em Brasília!* Artigo não publicado. 2013.

Adições do *post scriptum* – 2019

CHINI, Vanessa S.F. **Eixão do Lazer de Brasília. O Eixo Rodoviário-residencial e seu uso como espaço público**. Brasília, UnB, 2019. Dissertação de Mestrado.

Revista Época Negócios, n.148, junho/2019

Campus Party: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/06/24/campus-party-brasilia-reuniu-mais-de-100-mil-pessoas-no-mane-garrincha.ghtml>

Cidade criativa: <https://agenciabrasilia.df.gov.br/2018/12/08/promocao-turistica-de-brasilia-a-vanca-com-o-plano-criativo/>

Brasília Capital Moto Week: <https://www.metropoles.com/entretenimento/16a-edicao-da-brasilia-capital-moto-week-chega-a-capital-em-julho>

EDUARDO PIERROTTI ROSSETTI – Arquiteto e urbanista, Professor da FAU-UnB, credenciado ao PPGAU-FAU-UnB e membro do LABEURBE. Destaca-se o interesse por história, historiografia e projeto, com pesquisas sobre arquitetura moderna, Brasília, patrimônio e o morar brasileiro. Autor de diversos artigos e dos livros *Arquiteturas de Brasília* (2012) e *Palácio Itamaraty: a arquitetura da diplomacia* (2017).

BRASÍLIA, LONGA DURAÇÃO

Marta Bogéa

¹ Agradeço a Bruna Neiva a oportunidade dessa estadia, junto a ela, Gê Orthof, Marília Panitz, Valéria Cabral, Letícia Garcia a vivência e o acolhimento generosos com que compartilharam tempo e memórias nos dias em que estive lá. A Moacir dos Anjos, a companhia de sempre, no desafio de juntos delinear nossas recorrências em inéditas paisagens.

TENDAS

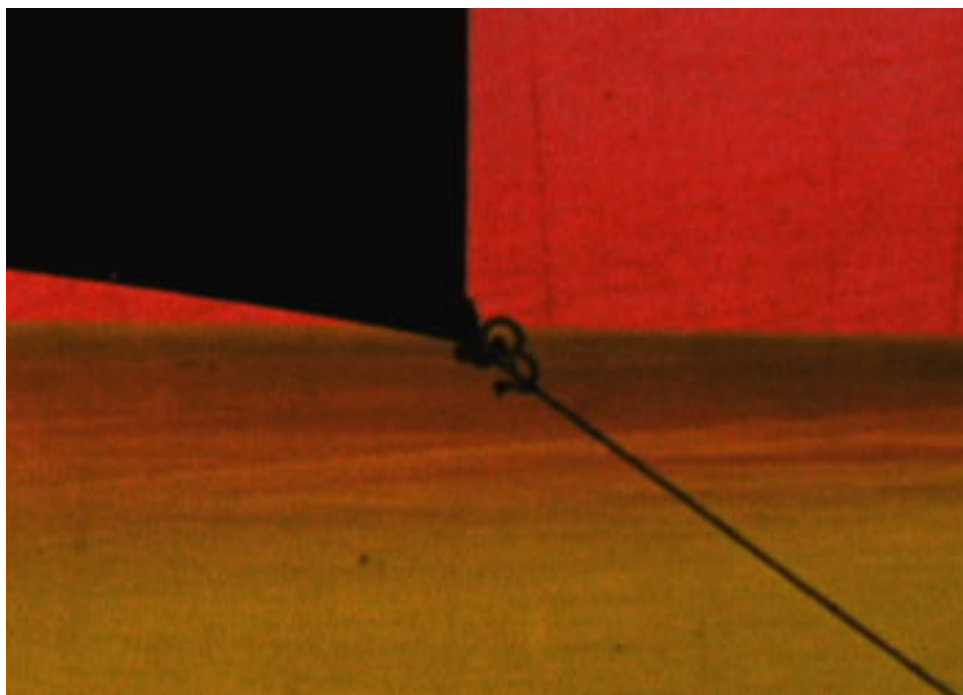
Uma balburdia de vozes contradiz a imagem abstrata e colorida que se apresenta na tela do monitor. Um único elemento unifica som e imagem: o vento, com seu ruído sintonizado com o movimento das lonas. A paisagem sonora do curta *Sin peso* (2007), de Cao Guimarães, se contrapõe à câmara que mostra apenas e, por todo o tempo, lonas coloridas. À medida que damos conta do vento, e o identificamos como o mesmo, no som e na imagem, pode-se reconhecer que as lonas é que abrigam aquelas vozes. É assim que se vai adentrando a atmosfera tão conhecida dos mercados de rua, nesse

caso, na cidade do México, no enquadramento proposto por Guimarães.

Rememorei essa imagem, som e cor, ao atravessar o miolo de quadra entre a Caixa Cultural Brasília em direção ao Comércio Local Sul, quando pela primeira vez me defrontei com as “entradas” de Brasília. Já tinha estado na cidade outras tantas vezes, entretanto em atividades formais, circulando pelas ruas principais, sempre dentro de automóveis, entre o Setor Hoteleiro e as instituições que me traziam à cidade. Dessa vez, pela primeira vez fui pedestre em Brasília em um cotidiano de montagem que me permitiu, ainda que por poucos dias, adentrar a cidade¹.

Figura 01 – Cao Guimarães, *Sin peso* 2007 7'00", <http://www.cao-guimaraes.com/obra/sin-peso/>.

Figura 02 – Foto da autora: afiador no caminho entre a Caixa Cultural e Restaurante. 2019. (página oposta)





“Bolo, salgado, tapioca, misto quente”, indica uma vendinha coberta com toldo colorido como uma tenda; ao lado, um simpático senhor afia facas e alicates. Na passagem de miolo de quadra se avizinham a Frutaria do Wilson, a lojinha de aplicativos para celular Celular e Cia, o Fast Açai SBS. A intrigante experiência ocorrida ao atravessar entre a Caixa Cultural e o restaurante formal revelou o atalho como uma “picada”. Retornar ao local através da visão aérea do googlemaps evidenciou que, curiosamente, os endereços das tendas são registrados como dado formal na navegação virtual. Vistos de cima, essas precárias ocupações têm a mesma aparência dos improvisados “puxadinhos” feitos nos fundos das lojas formais.

Coisas de Brasil! Quem diria, também ocorrem dentro do Plano Piloto de

Brasília. Mas, é importante dizer, desde que se possa adentrar suas entranhas!

Os pequenos comércios, de aspecto temporário, entretanto, se instalam por longa duração². Fazem parte da mesma Brasília flagrada por Cao Guimarães em 2011 quando convidado a participar da Bienal “Shenzhen & Hong Kong Bi-City Biennale of Urbanism\Architecture”. Guimarães foi desafiado a filmar a cidade planejada na perspectiva de reconhecer “quando uma cidade vira cidade”, segundo ele³, a partir da questão proposta por Terence Riley e equipe, curador-geral da mostra para integrar o núcleo sugestivamente intitulado “*and then it became a city*”⁴.

O filme começa com imagens diáfanas, enquadramentos dos brancos planos acompanhados pelo texto de Clarice Lispector. É então atravessada por sua corriqueira cotidianidade – que vai revelar inesperadas: charretes, filas de gente alinhada na sombra de um poste, os valentes ambulantes enfrentando o vento, dentre outras imagens que apresentam uma outra Brasília, tão distinta das habituais imagens de seus edifícios emblemáticos, aqui sempre de passagem, sempre nas bordas dos enquadramentos.

A Brasília de Guimarães é um comovente retrato. Nos 13’35” em que acontece revela que há coisas que persistem, qualificadamente em convívio próximo com as tão conhecidas gambiarras⁵ brasileiras com as quais nós nos propomos a transformamos em possibilidade aquilo que a princípio é pura precariedade. Não pelo elogio banal à precariedade, mas pela

² No Brasil, como sabemos, construções designadas como temporárias perduram obstinadamente mesmo quando tudo indica que seriam em pouco tempo desmontadas. Uma situação que ocorre também dentro dos campos formais, vale lembrar a Sede Transitória para Prefeitura de Salvador de João Filgueiras Lima, construída em 12 dias (1986) amparada pela indicação de que seria transitória e que perdura até hoje, 33 anos depois!

³ Em diálogo com a autora durante montagem da exposição Território de Contato. Sobre a exposição ver: BOGÉA, Marta e GUERRA, Abílio. “Algo muito humano além de belo, Exposição Território de Contato, módulo 1: Cao Guimarães e Brasil Arquitetura” 144.00 exposição, ano 12, maio 2012. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.144/4365>.

⁴ O núcleo apresentou cinco cidades projetadas retratadas por cinco cineastas selecionados, eram elas: Shenzhen, China; Las Vegas, USA; Almere, The Netherlands, Gaborone, Botswana; Brasília, Brazil; e Chandigarh, India. Ver a esse respeito: <https://www.archdaily.com/176375/shenzhen-hong-kong-bi-city-biennale-of-urbanism-and-architecture>.

⁵ Gambiarras é uma das conhecidas séries de Cao Guimarães que coleciona estratégias precárias de sobrevivência das mais divertidas como, por exemplo, o pequeno dado que pesa sobre a agulha permitindo a vitrola voltar tocar, ou, dentre uma das mais poéticas, um singelo músico de banda em Ouro Preto prega com pregador de roupa a partitura nas costas do músico que segue em sua frente na procissão musical. Ver <http://www.caoguimaraes.com/foto/gambiarras/>.

críteriosa atenção aos que podem enfrentar com galhardia a imprevisibilidade necessária para viver na precária condição de vida ocorrida nos países subdesenvolvidos. O filme finaliza quando cai o dia, em imagens inebriantes da rodoviária, suas luzes cintilantes, sua inquieta e massiva frequência, momento intrigante no qual a cidade proposta, imaginada, parece coincidir com a cidade de fato.

Na descoberta naturalizada de tantas lonas, um outro fotógrafo se insinua, remetendo-nos a sua época ainda em construção: Marcel Gautherot e as surpreendentes fotografias da construção da

cidade apresenta por ele em duas chaves: a monumentalidade das majestosas construções no Plano Piloto e a precariedade dos abrigos na Sacolândia. São já bastante conhecidas essas imagens produzidas por Gautherot – as das formas icônicas ganhando presença no plano piloto e as da Sacolândia, que não teve publicação àquela época.

Gautherot foi fotógrafo oficial de Brasília, parceiro importante de vários arquitetos na documentação de projetos arquitetônico, paisagísticos e urbanísticos da modernidade. Ao mesmo tempo, parceiro de Pierre Verger, foi colaborador no

Figura 03 – Cao Guimarães, Brasília, fotograma do filme. <http://www.caoguimaraes.com/obra/brasilia/>.





Figura 04 – Moradias na Sacolândia, arredores de Brasília, 1958, Marcel Gautherot. (TITAN e BURGI: 2016, p. 195).

Figura 05 – Palácio do Congresso Nacional em construção, Brasília Fotografia Marcel Gautherot. (TITAN e BURGI: 2016, p. 203).

⁶ Importante lembrar que a Lua era o mais delirante imaginário de época, corrida espacial iniciada em 1957, ano do concurso e início da construção de Brasília, a cidade concluída antes que o homem desembarcasse pela primeira vez na Lua em 16 de julho de 1969. <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2019/07/ha-exatos-50-anos-astronautas-partiam-em-direcao-a-lua.shtml>.

Museu do Homem em Paris durante a década de 30. Soube como poucos fotografar as paisagens e suas gentes, retratos tanto de lá quanto de cá. Revelou que a cidade de lonas esteve presente sempre em Brasília, entretanto, na época de sua construção ainda constituíam aparentemente dois territórios. Visto agora os dois territórios parecem fundirem-se em um só, e a “Sacolândia” parece brotar por dentro e a partir do concreto.

Milton Santos já tinha apontado essa ambiguidade desde muito cedo. No texto apresentado em 1964, “Brasília e o subdesenvolvimento brasileiro”, declara:

“Vontade criadora e subdesenvolvimento do país são, pois, os termos que se afrontam na realização efetiva de Brasília. É da sua confrontação que a cidade retira os elementos de sua definição atual.” (Em: KATINSKY e XAVIER (Orgs.): 2012, p. 126).

O que entretanto entenece é que essa dupla condição, uma forjada no desejo de superação e outra na continuidade de uma condição social tão frágil moldou Brasília desde sua construção. E o que em 1964 eram elementos de sua definição, em 2019 também ainda o são.

Se acompanhamos Bonesio, essa dupla condição, ao perdurar em longa duração, vai definir Brasília, cidade artificial em um país desumanamente desigual:

“O lugar não é, com efeito, um dado exclusivamente natural, mas uma “invenção” que adquire valor identi-

tário e qualidade expressiva apenas no contexto temporal de longa duração” (BONESIO, 2012: p. 209).

E dentro da longa duração de Brasília um de seus inesquecíveis episódios será seu isolamento durante o Golpe Militar, passados apenas quatro anos de sua construção. No memorável texto de Lina Bo Bardi “Em defesa de Brasília” publicado em 1964 em resposta ao editorial da revista milanesa *L'Architettura* – *Cronache e Storia*, n.109 ao acusar Brasília de “retórica”, “kafkaniana”, “antidemocrática” os editores a chamam de “sinistra cidade dos funcionários públicos, artificialmente vestida pelos ornamentos estruturalísticos de Niemeyer”. Lina apaixonadamente e generosamente retruca em defesa de Brasília, declara que “A lua é uma terra como qualquer outra se Lunar for Brasília”⁶, lembra que “Kafka é um homem”, reconhece a “fragilidade dialética de Brasília”, ao reconhecer que

“é pobre, é lunar, é desesperadamente miserável, mas é a realidade de um país, e não se pode julgar Brasília, que representa um impulso de libertação de um grande país, segundo um esquema preestabelecido e acadêmico culturalmente formalista.” (em XAVIER e KATINSKY (orgs): 2012, p. 136).

O episódio que denigre a cidade culpabilizando os artefatos pelas ações dos homens está longe de ser singular, têm sido recorrentes as tentativas em apontar o traçado urbano-arquitetônico como “responsável” sobre essas e outras mazelas

político-sociais. Diante deles, parece oportuno retomar o questionamento de Bo Bardi,

“Porque o juízo formalista prevalece sobre a avaliação justa, histórica e real, do esforço de uma humanidade que procura o seu caminho no mundo desencantado da realidade de hoje? Porque o juízo formalista prevalece sobre a ‘solidariedade’ política e moral”? (id. *Ibidem*)

Diante desse “apelo” os editores publicam o texto da arquiteta, reiteram sua divergência sobre o valor de Brasília entretanto, declaram: *“Mas, se se trata de combater os generais, estamos, nos também, prontos para defendê-la”*

É preciso reconhecer que o projeto sozinho não pode resolver problemas sociais, assim como tampouco é possível acatar o simplismo oposto de achar que um projeto pode ser a causa de todas os desarranjos sociais, como foi também, singelamente, e tão bem descrito por Josimar Melo, em um lúcido texto de jornal⁷. Coisas corriqueiras que aqui no contexto desse despretençioso ensaio interessa tratar.

Dentre as pequenas coisas, resta saber se o Brasil merece Brasília, que tão bem encarna um tempo no qual o país delirantemente utópico ousou se imaginar um país moderno. Miragem de uma época em que “o sonho Brasil se vendia em qualquer padaria” como tão bem recordou Claudio Leal - ao se despedir de João Gilberto, no artigo de jornal intitulado “Chega de Saudade”⁸ - sonho

capaz de produzir desastres mas também de evitar tantos outros. Melancólica e necessária lembrança diante de um atual Brasil distópico.

DA MIRAGEM À VIDA NA CIDADE

Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960, no mesmo dia em que Juscelino Kubitschek fechava seu gabinete no Palácio do Catete, até então sede da Presidência da República no Rio de Janeiro. Tem portanto no momento de escritura desse texto menos de 60 anos!

Como existência material, ao compará-la a outras cidades, existe em curtíssima duração. Mas, ainda que se mantenham poucos os anos, Brasília existe desde o momento em que foi pela primeira vez sonhada. E, entre os vários



⁷ “Será mesmo que vizinhos da Casa de Porco preferem ‘mercadinho mambembe’?” ilustrada terça-feira 9 de julho de 2019. Josimar Melo é crítico gastronômico, revela nesse texto seu tempo de estudante na Faculdade de Arquitetura da USP, lucidamente sabe distinguir a potência da arquitetura e do urbanismo da totalidade social com que tantas vezes são equivocadamente simplesmente alinhadas. Reconhecendo, é claro, que os artefatos realizados pelos homens materializam também suas crenças e valores, difícil é acreditar que a arquitetura, assim como qualquer outra arte, teria completa autonomia frente aos valores da sociedade que a engendra.

⁸ Folha de São Paulo, segunda-feira, 8 de julho de 2019. A chamada logo abaixo do título diz: “Morte de João Gilberto, que será velado hoje no Rio, encerra a utopia de um país do futuro, o delírio da construção de Brasília, do cinema novo e do neocretismo sepultado de vez.”

Figura 06 – Fotografia da autora em visita a Brasília, Catedral de Brasília, exterior, batistério. Brasília em sua face lunar. 2019.

Figura 07 – Família de Trabalhadores. Fotografia Marcel Gautherot, Brasília 1959. (TITAN e BURGI: 2016, p. 199).



modos com que se vislumbrou a capital do Brasil no interior vale reconhecer alguns momentos muito específicos⁹.

Os primeiros registro da intenção de transferir a capital do Brasil para o interior do país datam desde meados do século dezessete, com o Brasil ainda colônia. Se dentre eles considerarmos os primeiros mapas com essa intenção Brasília foi inicialmente sonhada em 1749 e teria 270 anos!

A futura capital do Brasil foi nomeada como Brasília em panfleto anônimo em 1822. Se o nome da coisa confere sua primeira existência Brasília teria 197 anos!

A área definida para sua implantação, um quadrilátero de 14.400 quilômetros quadrados, situado na região centro-oeste, resulta da investigação ocorrida pela Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil liderada por Luís Cruz. Conhecida como Quadrilátero Cruz, a área foi apresentada em 1894, com o nome de Vera Cruz. A 7 de setembro de 1922, no contexto das comemorações do centenário da independência uma caravana com um pequeno número de pessoas assentou a pedra fundamental, a poucos quilômetros de onde Brasília viria a ser de fato erigida. Se deve-se considerar esse gesto como a sua primeira demarcação, Brasília teria então 97 anos!

A partir de 1954 os planos aceleram, com a Comissão de Localização da Nova Capital Federal presidida pelo marechal José Pessoa Cavalcante de Albuquerque, nomeado pelo então presidente da república Café Filho, delimitada a área do futuro Distrito Federal e a exata escolha do

local onde hoje se ergue Brasília. O plano sob essa direção tinha ares conservadores, desde o nome Vera Cruz, sob signo da Cruz de Cristo nossa primeira identidade passando por nomear ruas e avenidas como “independência”, “bandeirante”, etc. Diferente das atuais siglas alfanuméricas designadas como se sabe W3, SQS, SCS etc. A mudança de imaginário talvez seja o que melhor revela a certeza que fez com que Brasília nascesse moderna, ponto zero de uma certa paisagem, gesto inaugural, imaginário derivado de Juscelino Kubitschek. Sob sua presidência será elaborado o Concurso do Plano Piloto, publicado no Diário Oficial no dia 30 de setembro de 1956. Se o registro do concurso for seu marco, a cidade na feição com se construiu teria 63 anos!

Na perspectiva do tempo dos lugares – seja por seus 59 anos de existência material, ou por seus 270 anos, desde sua primeira “miragem” – Brasília ainda está se constituindo como lugar, se acompanhamos a definição de Luisa Boriesio, para quem

“O lugar não é, com efeito, um dado exclusivamente natural, mas uma “invenção” que adquire valor identitário e qualidade expressiva apenas no contexto temporal de longa duração” (em SERRÃO, 2012, p. 209).

Na sua breve história, Brasília é cheia de intrigantes excessos. Tornou-se Patrimônio Mundial pela UNESCO em dezembro de 1987, com apenas 30 anos, ou seja, antes mesmo de ter história, Brasília se tornou Histórica!

⁹ Ver a esse respeito Sylvia Ficher et al, “Brasília uma história de planejamento”. Em: RODRIGUES et al (orgs.) Brasília 1956>2006, de la fundación de una capital, al capital de la ciudad. Lleida: Milenio, 2006, pp. 55-97. Agradeço a Sylvia Ficher a generosidade do diálogo, e o envio do artigo acima mencionado a partir do resumo deste ensaio.

Único bem contemporâneo a merecer essa distinção, Brasília é também a detentora da maior área tombada do mundo, 112,25 km². Esse traço a partir do qual a cidade terá que se constituir negociando com sua imagem e o desejo de sua manutenção, faz com que sua artificiosidade passe a integrá-la como traço no tempo. E aquela referida contradição de origem, a cidade moderna capital de um país subdesenvolvido, sua marca mais evidente.

Pois “(...) a casa vivida é também a casa sonhada, a casa de onde se partiu e a casa onde se vai regressar, a casa de nossos antepassados e a dos nossos filhos, enfim, a casa que o tempo sepulta e que o tempo renova.” (JORGE, em SERRÃO: 2012, p. 182)



Figura 08 – Fotografia da autora em visita a Brasília, Igrejinha Nossa Senhora de Fátima. 2019.

Brasília como casa sonhada tem correspondências surpreendentes com a casa projetada e posteriormente com a casa vivida. Uma visita em um fim de tarde de uma sexta feira comum na Superquadra 308 Sul - Quadra Modelo da Construção de Brasília, permitiu-me viver uma paisagem entre edifícios, na continuidade de um jardim, conversavam velhos, fumavam jovens, corriam crianças – parecia cena de filme bucólico de alguma utopia descrita por urbanistas a propor coisas inalcançáveis. O desenho tão veiculado de cidade modelo persiste: o térreo se mantém permeável para abrigar qualquer transeunte diante de um inesperado temporal, vizinhos a confabular sobre a vida; pessoas que vão de lá para cá com a fluidez somente imaginada em áreas habitacionais como miragem para nós que vivemos em cidades com edifícios habitacionais cada vez mais cercados por altos e opacos muros.

Aqui o artifício virou realidade. Podem esbravejar os opositores de Brasília mas indubitavelmente é também por esse espanto que a cidade continua a ser um dos ícones da modernidade ainda hoje tão visitado. Os colchões amontoados na curvatura da igrejinha, a Igreja Nossa Senhora de Fátima, inaugurada em 1958, deixa claro que sim, ainda estamos no Brasil e não em Tiergarten, em Berlim. Por que seria mesmo tão pouco possível desejar esse país?

Surpreende a persistência com que a qualificação dos espaços assegura certos modos de vida, da quadra modelo, e também da rodoviária. Dois distintos lugares,

um demarcado por um modo de moradia elitizado – mas como não dizer, tão mais elaborado e gentil como urbanidade que os condomínios murados – o outro lugar de chegada da população mais pobre, através do meio de transporte popular.

Se Cao Guimarães ao retratar Brasília não se atém à quadra modelo, não resiste por outro lado a vislumbrar como miragem a buliçosa rodoviária. Campo de centralidade popular que endereçou para o coração da cidade também uma outra vivacidade.

Não à toa, dentre os itens apontados por Lucio Costa como aqueles que o importam principalmente como urbanista da cidade interessa “respeitar e manter as características originais dos dois eixos e de seu cruzamento”, em seus termos:

“Manter a plataforma rodoviária como traço de união e ponto de

convergência já consolidado do complexo urbano composto pela cidade político-administrativa e pelos improvisados assentamentos satélites.”¹⁰

No mesmo documento, no item 5:

“A manutenção do conceito de superquadra como espaço residencial aberto ao público, em contraposição ao de condomínio privativo fechado; da entrada única; do enquadramento arborizado; do gabarito uniforme de seis pavimentos sobre pilotis livres, como os blocos soltos do chão.”

Em um raro lugar no mundo onde os pilotis se mantêm como imaginados, lugar de passagem, aberto a usos imprevisos e não apenas zonas garagem ou térreo gradeado.

Lucio Costa com a mesma lúcida exatidão com que delineou o plano

¹⁰ Diretrizes para a preservação da integralidade do plano piloto, em carta escrita em janeiro de 1990 (p. 292).

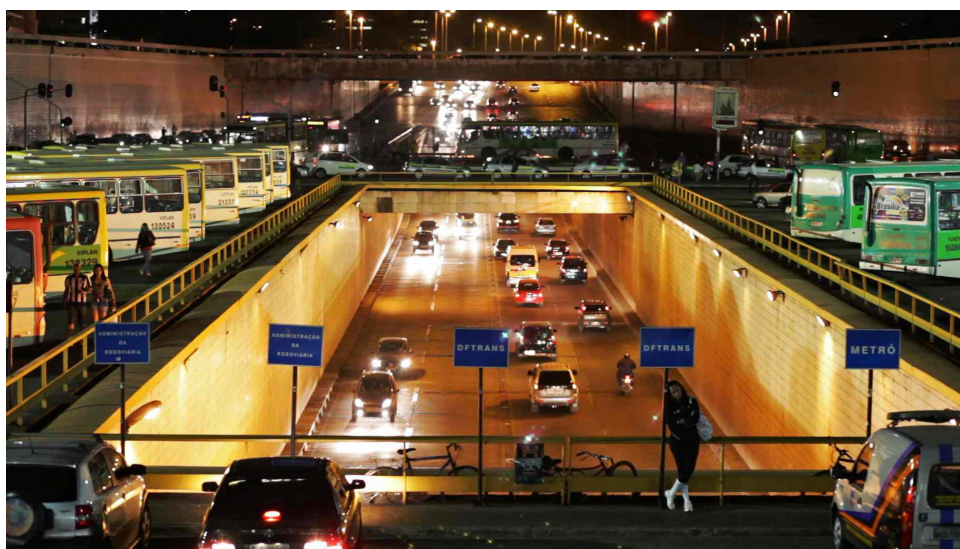


Figura 09 – Cao Guimarães Brasília, fotograma do filme. <http://www.caoguimaraes.com/obra/brasilia/>

Figura 10 – Foto da autora da margem do Lago Paranoá. Resto estrutural de uma balsa, 2019.



piloto deixa assim registrado em duas páginas, se tanto, suas indicações para preservação da cidade. Conclui com a seguinte frase:

“Como se vê, trata-se, em suma, de respeitar Brasília. De complementar com sensibilidade e lucidez o que ainda lhe falta, preservando o que de válido sobreviveu.

A cidade, que primeiro viveu dentro da minha cabeça, se soltou, já não me pertence pertence ao Brasil.” (p. 293).

No que merece rememorar fica atenção àquilo que permanece como qualidade, o que persiste, e que na materialidade dos fatos urbano arquitetônicos abrigam modos de viver capazes de qualificar e dignificar um viver lá!

O lago revelou-se um manancial qualificador do espaço corriqueiro,

atenua o tempo seco do lugar, convida a todo tipo de esporte aquático, perdura como território de água desejável. Desde os primeiros estudos da região, ao se definirem o local da implantação da nova cidade. Pois em 1955 após tantos estudos e levantamentos optou-se pelo exato sítio que o botânico Auguste Glaziou escolherá em 1893, descrito por ele em carta endereçada a Cruls nos seguintes termos:

“Enfim, de jornada em jornada, estudando tudo, cheguei a um vastíssimo vale banhado pelos rios Torto, Gama, Vicente Pires, Riacho Fundo, Bananal e outros; impressionou-me muitíssimo a calma severa e majestosa desse vale...Entre dois chapadões conhecidos na localidade pelos nomes de Gama e Paranoá, existe imensa planície em parte sujeita a ser coberta pelas águas da estação chuvosa; outrora era um lago devido à junção de difeentes cursos de água, formando o rio Paranoá (...) (em SILVA apud Ficher et al: 2006, p. 3).

Essa coincidência, incrível exemplo de amnésia histórica, nos termos de Sylvia Ficher, Geraldo Batista, Francisco Leitão e Andrey Schlee, entre as primeiras incursões oficiais na busca de um sítio de localização, na área definida para o projeto no concurso e, que resulta hoje em importante identidade da paisagem urbana, a extensa área, e a presença do lago.

Se, “De facto, na cidade coexistem as heranças e os seus herdeiros: uma

cidade narra a História do seu passado e do seu presente. E, a partir daí, constrói posteriormente, o seu futuro. Aquilo que nela acontece decorre daquilo que nela antes aconteceu”. (JORGE, em SERRÃO: 2012, p. 180).

O gesto de registro dessas memórias dispersas são o contributo necessário para constituir a desejável identidade da cidade. Trabalho criterioso que vem sendo constituído por aqueles que vêm se atendo à análise de Brasília.

Esse ensaio, elaborado por um eventual visitante, comemora a tradição em Brasília, jovem cidade moderna, que nasceu dentro de uma visão de mundo afeita a fatos inéditos e que precisa se constituir no tempo sobrevivendo a esse legado, na medida em que, apesar de moderna, é prenhe de renovadas tradições. Algumas diretamente endereçadas a ela, outras, apenas porque transportadas como memórias acopladas nas vidas de tantos que a dotaram como sua cidade para viver.

Das memórias que já decorrem de lá, durante a rápida estadia em que pude lá ficar, mantiveram-se comigo a imagem do ônibus “brotando no horizonte da paisagem” aguardado seu contorno e de quem sairá de lá pelas crianças, hoje adultos, que faziam da rodoviária passeio corriqueiro; a lembrança do ponto de encontro sob a laje de um certo edifício para combinar quem acompanhará as brincadeira das crianças; a ida casual ao Beirute, que “sempre” esteve lá (inaugurado em 1966, de acordo com

sua placa) e me perceber sob uma das tantas tendas que se acoplam à paisagem regradada e regular; a carcaça metálica de uma antiga balsa servindo de estrutura para tomar sol e trampolim no vastíssimo lago Paranoá; o sussurro ao “pé da parede curva” na Catedral de Brasília, de onde se podem segredar fatos a uma distância impossível de ser vencida aos sussurros.

Pequenas estórias, que talvez não interessem a ninguém, entretanto, como observou a moradora da Croix-Roussse: “(...) é pessoal, isto não interessa a ninguém, mas enfim é isso que faz o espírito do bairro.” e diante da frase, esclareceu Michel de Certeau:

“Só há lugar quando frequentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode evocar ou não. Só se pode morar num lugar assim povoado de lembranças”.
(CERTEAU: 1994, p. 189)

Brasília em longa duração revela-se uma cidade que vem acumulando memórias contraditórias, divergentes, espetaculares mas também corriqueiras. Todas elas a constituir sua complexa paisagem, que insistentemente tem sido apresentada por suas icônicas imagens, mas que começa a contar também com uma outra coleção tão humanamente banal de registro de suas paisagens.

A cidade construída em 3 anos, que materializa apenas 59 anos, conta já com memórias que figuram a pelo menos a 270 anos! Liberar as representações da cidade de um traço unívoco, de um

imaginário sempre moderno, inédito, é tarefa para cada um de nós aptos a reconhecer Brasília. Que possamos re-apresentá-la, como fez Cao Guimarães, ou mesmo alinharmo-nos com Clarice Lispector¹¹ quando em 1970, já nos

primeiros começos da cidade, definiu-a como a imagem de sua insônia, “nem bonita nem feia”, vivida! Assim, quem sabe, poderemos melhor usufruir Brasília, entre sonhos, miragens e banalidades.

¹¹ Nos primeiros começos de Brasília. Publicado em 1970, em: XAVIER e KATINSKY (orgs). *Brasília - antologia crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. pp. 179-182. Versão ampliada com *post scriptum - 2019*, acrescido ao texto homônimo apresentado no ARQUI-MEMÓRIA 5, Salvador / 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BO BARDI, Lina. Em defesa de Brasília. Em: XAVIER, Alberto e KATINSKY, Julio (orgs). *Brasília - antologia crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. pp. 135-136.
- BONESIO, Luisa. Habitar a Terra e reconhecer-se nos lugares. Em: SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). *Filosofia e Arquitetura da Paisagem: Um Manual*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012. pp 203-210.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer. Petropolis: Vozes, 1994.
- COSTA, Lucia. Diretrizes para a preservação da integridade do Plano Piloto. Em: XAVIER, Alberto e KATINSKY, Julio (orgs). *Brasília - antologia crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. pp. 292-293.
- FICHER, Sylvia; BATISTA, Geraldo, LEITÃO, Francisco; SCHLEE, Andrey. Brasília: uma história de planejamento. Em: RODRIGUEZ, Eduard e FUGUEIRA, Cibele Vieira (orgs) *Brasília 1956-2006, de la fundación de una ciudad, al capital de la ciudad*. Lleida: Milenio, 2006. pp. 55-97.
- GUIMARÃES, Cao. *Brasília*. Filme 13'35", digital HD. 2011. acesso restrito. <http://www.caoguimaraes.com/obra/brasilia/>.
- GUIMARÃES, Cao. *Sin Peso*. Filme 7'00", DVD. 2007. acesso restrito. <http://www.caoguimaraes.com/obra/sin-peso/>.
- JORGE GORJÃO, José Duarte. O tempo da cidade. Em: SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.) *Filosofia e Arquitetura da Paisagem: Intervenções*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012. pp 179-185.
- LISPECTOR, Clarice. Nos primeiros começos de Brasília. Em: XAVIER e KATINSKY (orgs). *Brasília - antologia crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. pp. 179-182.
- SANTOS, Milton. Brasília e o subdesenvolvimento brasileiro. Em: XAVIER, Alberto e KATINSKY, Julio (orgs). *Brasília - antologia crítica*. São Paulo: Cosac Naify, 2012. pp. 125-134.

TITAN Jr., Samuel e BURGI, Sergio (orgs.). *Marcel Gautherot fotografias*. São Paulo: IMS, 2016.

Shenzhen Hong-Kong bi-city biennele of urbanism architecture.

Em: <http://www.biennialfoundation.org/biennials/shenzhen-hong-kong-bi-city-biennale-of-urbanism-architecture/> e <https://www.archdaily.com/176375/shenzhen-hong-kong-bi-city-biennale-of-urbanism-and-architecture>. Acesso em julho de 2019.

MARTA BOGÉA – Arquiteta Urbanista (UFES 1989), Livre-docente (FAUUSP 2018), Bolsista CNPq Produtividade em pesquisa 2. Professora no Departamento de Projeto, áreas de concentração Projeto, Espaço e Cultura, Projeto de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. mbogea@usp.br.